

ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO: trajetos temático-discursivos da área de informação¹

BETWEEN THE PUBLIC AND THE PRIVATE: thematic-discursive directions of the information area

Lídia Silva de Freitas²

Resumo

Relata parte dos resultados finais de pesquisa de Tese na qual, em busca do discurso dominante da Ciência da Informação sobre a condição da informação na contemporaneidade, mapeou-se a frequência de recortes discursivos em significativa porção de títulos da produção acadêmica nacional da área, além de idêntico levantamento na Base de Dados Bibliográficos LISA, para a produção internacional. Os recortes discursivos selecionados fornecem indícios de configurações discursivas em variados momentos históricos na área, assim como dos trajetos temáticos dos aspectos privilegiados no levantamento: o que mescla cultura, economia, política e ciência com a perspectiva histórico-sociológica. Constata que o discurso da Ciência da Informação, após um relativamente breve acolhimento de questões ligadas ao sócio-cultural, parece voltar-se para sua antiga abordagem operacional, porém *privatizando* mais seus objetos e objetivos de trabalho, aproximando perigosamente seu discurso acadêmico dos funcionamentos discursivos neoconservadores dominantes.

¹ Baseado em parte dos resultados finais da pesquisa de tese de Doutorado em Ciência da Informação junto à ECA-USP, realizada com bolsa PICD-CAPES. Resultados apresentados anteriormente no 4. CIFORM, Salvador, UFBA, em junho de 2003.

² Doutora em Ciência da Informação – USP, Prof. Adjunto da Universidade Federal Fluminense. lidia.freitas@terra.com.br.

Palavras-chave

**CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
TRAJETOS TEMÁTICOS
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
DISCURSO
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
EPISTEMOLOGIA**

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho relata parte dos resultados finais de pesquisa de Tese em Ciência da Informação junto à ECA-USP (FREITAS, 2001). Naquela pesquisa analisamos o discurso dominante na Ciência da Informação (daqui em diante CI) sobre a atual condição da informação. Para tanto, necessitamos verificar algumas hipóteses, entre as quais, a real dominância de determinada formação discursiva³. As análises aqui apresentadas resultam desta iniciativa: a busca de dados que apontassem o atual momento do trajeto discursivo da área de informação e, dentro dela, o da CI.

Não interessava-nos analisar a totalidade do feixe temático-discursivo da área, se é que isso é possível, e sim o que entrelaça informação com cultura, política, economia e ciência, emoldurado por formas de abordagem dos contextos histórico-sociológicos das práticas informacionais. Como, por exemplo, desenvolvimento, adjetivado ou não, progresso, terceiro mundo, pós-industrialismo, era ou sociedade da informação ou do conhecimento etc.

Parecia-nos⁴ que as atuais formas dominantes do traçado dos contextos sócio-históricos das práticas informacionais, redirecionavam

³ A formação discursiva determina o que pode e deve ser dito a partir de um lugar social historicamente determinado em uma conjuntura dada.

⁴ A Análise do Discurso de linha francesa – metodologia que utilizamos sobre nosso objeto na Tese – acolhe o impressionismo de que partíamos, já que em sua Teoria o discurso constitui realidade.

os focos de prioridades – teóricas ou não – da área de informação: as “novas tarefas” dos profissionais ou cientistas da informação.

No próximo item, fazemos algumas considerações metodológicas sobre o que sustentou nossos procedimentos, já que estes, longe de serem óbvios, podem gerar estranhamentos.

Depois, apresentamos os resultados e análise dos trajetos temático-discursivos da área de informação no Brasil, após o que, fazemos o mesmo para a literatura internacional. Apresentamos algumas conclusões, seguidas das referências que se fizeram necessárias.

2 OBSERVAÇÕES METODOLÓGICAS

Após longa exposição à literatura da área de informação – especialmente via análise de Sumários Corrente em CI – chegamos a termos e expressões ligados ao discurso que analisamos em nosso corpus: o que entrelaça ciência, cultura, política, economia e perspectivas históricas. Com estes termos e outros que emergiram durante o estudo concreto, analisamos:

a) a literatura nacional em CI e Biblioteconomia (via análise sistemática de títulos de artigos das revistas *Ciência da Informação* e *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, de sua criação até hoje – inclusive a *Perspectivas em Ciência da Informação*);

b) a produção acadêmica em *Ciência da Informação* e *Biblioteconomia* (via análise das linhas e áreas de pesquisa dos cursos de pós-graduação da área de informação no Brasil e análise sistemática dos títulos de teses e dissertações *IBICT/UFRJ* e da *UFMG*);

c) a transformação histórica das temáticas de alguns encontros técnico-científicos da área de informação, nacionais e internacionais, e das temáticas cobertas pelo *ARIST* ao longo de sua publicação. (Deste item, aqui só exporemos a análise dos *ENANCIBs*);

d) a análise sistemática de títulos, assuntos e resumos da literatura internacional (coberta pela Base *LISA* – *CD-Rom* – desde sua criação até hoje).

Ao elegermos os periódicos e cursos de pós-graduação do *IBICT/UFRJ* e da *UFMG* pensamos num duplo aspecto: a antigüidade e

representatividade de tais periódicos e cursos, além da peculiar transposição do periódico e do curso da UFMG, do campo da Biblioteconomia para o da CI. Esta passagem apresentava importante potencial significativo, já que durante análises anteriores encontramos cisões históricas de sentidos entre estes dois campos (FREITAS, 2003).

Os encontros nacionais analisados seguiram critério semelhante: os que correspondem principalmente à CI – Seminários em CI e Encontros da ANCIB e os Congressos Brasileiros de Biblioteconomia e Documentação (CBBDs). A Base de Dados Bibliográficos LISA foi escolhida como fonte para artigos de periódicos internacionais pois, comparando com a cobertura da Base ISA, constatamos que a primeira cobria o maior número de títulos de periódicos e extensão geográfica dos mesmos, indexando pelo menos 80% dos artigos da maioria dos títulos. Segundo seus editores, poucos periódicos são indexados seletivamente. A ISA somente indexa 100% dos seus *Core Journal*, o restante sendo trabalhado seletivamente.

Se inicialmente o que nos impulsionou rumo a esta análise foi a necessidade de verificação de nossas impressões iniciais sobre a dominância de determinada discursividade⁵ na CI, após iniciarmos levantamento nesse sentido, notamos que fazíamos mais do que isso: também encontrávamos indícios das configurações discursivas em variados momentos históricos da área, além dos trajetos temáticos a cujos discursos o nosso objeto principal se filiava.

Os termos e expressões levantados não poderiam ser tratados simplesmente como palavras:

[...] as palavras não significam em si. É o texto que significa. Quando uma palavra significa é porque ela tem textualidade, ou seja, porque a sua interpretação deriva de um discurso que a sustenta, que a provê de realidade significativa (ORLANDI, 1996, p. 52).

⁵ A discursividade de uma formação discursiva refere-se ao seu funcionamento, com suas estratégias de formação do efeito de evidência. Ou: discursividade é como os sentidos trabalham no texto (ORLANDI, 1996, p. 29).

Reconhecendo que trabalhávamos com recortes de formações discursivas que embasam seus sentidos aparentemente transparentes, buscamos identificá-las, assim como seus sentidos históricos. Notamos que os sentidos e as formações discursivas sofriam mutações no decorrer do tempo e, em busca da reconstituição histórica do trajeto temático do discurso que analisamos, colocamo-nos questões similares às levantadas por Pêcheux (1990b, p. 317-318):

O que faz com que textos e seqüências orais venham, em tal momento preciso, entrecruzar-se, reunir-se ou dissociar-se? Como reconstruir, através desses entrecruzamentos, conjunções e disso-ciações, o espaço de memória de um corpo sócio-histórico de traços discursivos, atravessado de divisões heterogê-neas de rupturas e de contradições? [...] O que é que faz, desse modo, o encontro entre um espaço de interlocução, um espaço de memória e uma rede de questões?

Tentamos respondê-las metodologicamente utilizando as contribuições de Guilhaumou e Mالدیدier. Na procura das mutações históricas de temáticas, não tratamos tema no sentido utilizado pela análise de conteúdo, mas, como abordam aqueles autores em texto de 1994, buscando o acontecimento discursivo⁶, que é apreendido na consistência de enunciados que se entrecruzam em um momento dado.

Reconhecemos os inúmeros riscos analíticos que corremos ao trabalhar com recortes retirados de seu contexto, porém buscamos mantê-los nas redes de sentido, assumindo que “deslinearizamos” os enunciados sim, mas aproximando-os das posições sócio-históricas de sua enunciação. Aqui dialogamos com Maingueneau (1993), que aborda longamente esta questão. Este autor, após listar as dificuldades teórico-metodológicas deste tipo de estudo, propõe algumas condições básicas para sua utilização controlada – que consideramos atendidas em nossa pesquisa:

⁶ Jogo de interpretação que se materializa em discurso.

Trata-se apenas de uma análise auxiliar, destinada a apoiar, de forma localizada, um estudo mais amplo; Os [...] termos-pivôs não [devem ser] escolhidos em função de um saber histórico anterior, mas definidos durante a análise.

O corpus assim delimitado não pratica nenhuma violência à realidade lingüística; efetivamente, não há neutralização da complexidade sintática e enunciativa, nem eliminação do contexto [...] (MAINGUENEAU, 1993, p. 135-136, grifos nossos)

Outro aspecto interessante desse tipo de análise é também ressaltado por este autor: pode-se detectar historicamente a emergência de termos e os diferentes usos em processos que envolvam correlações de forças no jogo social. No decorrer da análise dos resultados obtidos de nossos dados quantitativos, localizamos o surgimento do uso de certas terminologias em nossa área-objeto.

E, surpreendentemente, em nossa observação de grandes massas de dados quantitativos – especialmente da base LISA –, notamos o quanto a recorrência terminológica em séries quase sempre mais estáveis do que instáveis, mesmo em suas mutações, apontava o histórico. Quantitativo que confirmava o qualitativo de nossos recortes.

O tratamento “em bloco” que procedemos em nossa análise diacrônica, que buscamos controlar recorrendo aos dicionários internos da base de dados, selecionando os possíveis usos diferenciados que a área possa fazer do termo, etc. permite que afirmemos que possíveis pequenas inconsistências nos resultados individuais não alteram o efeito analógico que buscamos nos gráficos que representam as mutações históricas dos usos dos recortes discursivos escolhidos.

Finalizando estas considerações metodológicas, sentimo-nos obrigados a ressaltar uma questão aparentemente apenas ética mas com profundas implicações teórico-metodológicas assumidas e estudadas pela análise do discurso (AD).

⁷Parafraseando Orlandi (1996, p. 9).

Não existe um lugar neutro de onde o analista de discurso observe e analise seus objetos. Como em toda manifestação de linguagem, há interpretação.⁷ A leitura do analista de discurso, porém, não é qualquer leitura. Ele se reconhece no movimento da interpretação, se reconhece nos sentidos que produz. Ele busca assumir sua posição interpretativa: “nem acima, nem além do discurso ou da história, mas deslocado” (ORLANDI, 1996, p. 85).

Os textos analisados, os recortes discursivos efetuados, as formações discursivas delimitadas etc. foram determinados duplamente pela fundamentação teórica das temáticas neles envolvidas e pelas relações com nossa própria memória discursiva. Para o analista as “interpretações são atos que surgem como tomadas de posição, reconhecidas como tais, isto é, como efeitos de identificação assumidos e não negados” (PÊCHEUX *apud* NUNES, 1997⁸).

A interpretação que é relatada neste trabalho a partir daqui é a nossa. Sempre haverá outras. Assumimos estas análises como *leituras*: na detecção e análise das formações discursivas, na seleção e categorização dos recortes textuais e na análise final dos dados assim obtidos. Ressaltamos, porém, que para *estas* leituras são encontrados *estes* resultados.

3 TRAJETOS DISCURSIVOS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL

Em nossas análises encontramos as marcas textuais para os contextos sócio-político-econômicos das práticas informacionais que reconhecemos ligados às das discursividades que caracterizamos, grosso modo, para as décadas de 60/70 e até meados de 80, como:

a) Progressista humanista: com sentido de progresso contínuo de uma humanidade genérica, com as marcas do discurso evolucionista e cientificista.

⁸ Nunes não fornece a referência correta do texto citado de Pêcheux.

b) Desenvolvimentista: com sentidos aparentados com a anterior, mas ligado a propostas de intervenções políticas - planejamento - baseadas em análises de processos econômicos internos e internacionais.

c) Reformista: com sentidos ligados a preocupações sociais e políticas de democratização e socialização dos processos informacionais e educacionais, além de soluções sócio-políticas via iniciativas culturais.

d) Culturalista erudita: sentidos estabelecidos via discurso mais elitista do que o anterior; salvacionismo cultural, de viés autoritário (como analisado em Freire, 1989 e em Perroti, 1990).

e) Crítica socialista - discurso à esquerda, baseado no materialismo histórico (minoritário na área).

De meados da década de 80 e nos anos 90 vemos emergir com força na área de informação a formação discursiva que caracterizamos como dos Novos Tempos, aglutinando as discursividades da Sociedade ou Era da Informação, do Conhecimento e as descrições que dão por encerrado o industrialismo como gerador de valor e representações imaginárias.⁹

Agrupamos os recortes discursivos, que se agregavam ao conjunto no decorrer da pesquisa, por categoria analítica, que, ao final, apresentava-se assim:

DISTRIBUIÇÃO DOS RECORTES POR CATEGORIA ANALÍTICA

1 – CULTURAIS

Cultura	Arte	Leitura/leitor
Educação	Escola	Adolescente
Conhecimento/saber	Criança/infância	Biblioteca universitária
Ensino	Família	Carro/barco/caixa biblioteca
Biblioteca pública	Biblioteca escolar	Biblioteca comunitária
Literatura de cordel	Ação cultural	Bibliotecário-animador

⁹ Em Freitas (2002) analisamos as relações entre este discurso e a área de informação.

2 – CIENTÍFICOS

Epistemologia	História	Metodologia
Teoria	Conceito	Discurso
Filosofia	Ciência da Informação	Pesquisa ação/participativa
Imaginário	Capital/capitalismo	Interdisciplinaridade
Crítica	Paradigma	
Estado-da-arte	Sujeito	

3 – POLÍTICOS

Movimentos sociais/organismos comunitários	
Social/sociedade	Socialização da informação
Democratização da informação	Direito à Informação
Direitos	Comunidade (não de usuários)
Cidadania	Utopia
Ideologia	Popular
Política (policy)	Cooperação
Governo	Estado
Meio ambiente	Política (politics)
Memória	Maioria da população
O público	Conflito
Interesse público	Nova Ordem Inf. Internacional
Bem comum	Direitos humanos
Ética	Participação
Compromisso social	Censura
Morador	Partido dos trabalhadores
Campanha eleitoral	Empregada doméstica
Mulher/gênero	Camadas populares
Ergonomia	Fadiga
Qualidade de vida	Contradição

4 – PERSPECTIVA HISTÓRICO-SOCIOLÓGICA

Perspectivas tradicionais	Sociedade industrial
Perspectivas emergentes	Desenvolvimento (geral)
Desenvolvimento social	Sociedade da informação

Desenvolvimento tecnológico	Países em desenvolvimento
Economia do conhecimento	Desenvolvimento econômico
Terceiro mundo	Pós-moderno
Países menos desenvolvidos	Países industrializados
Sociedade pós-moderna	Países de industr. tardia
Tecnologia apropriada	Pós-industrial
Sociedade dependente	Subdesenvolvimento
Sociedade do conhecimento	Países pobres
Países subdesenvolvidos	Globalização
Dependência tecnológica	Desenvolvimento científico

5 – ECONÔMICO-GERENCIAIS

Mercado	Competitividade	Organização
Cliente	Valor-agregado	Qualidade
Gestão/gerencial	Gestão/gerenciamento	
Gestão do conhecimento	Empresa	Indústria
Apoio à decisão	Conhecimento (fator de prod.)	
Valor	Missão	
Setor produtivo	Negócio	
Inteligência competitiva	Consumidor (de inform.)	
Empreendedor (...dimento)	Inform. como commodity	
Custos	Comercialização da inform.	
Reengenharia	Finanças	
Informação Gerencial	Economia da informação	

Apresentamos inicialmente os resultados encontrados no periódico *Ciência da Informação*, criado em 1972. No gráfico a seguir agregamos a frequência absoluta dos recortes discursivos dos títulos dos artigos e matérias por categoria analítica.¹⁰

¹⁰ Analisamos todos os títulos de matérias, não apenas dos artigos principais, por considerarmos que as temáticas, escolhas lexicais e enunciados em geral, formam co-textos significativos.

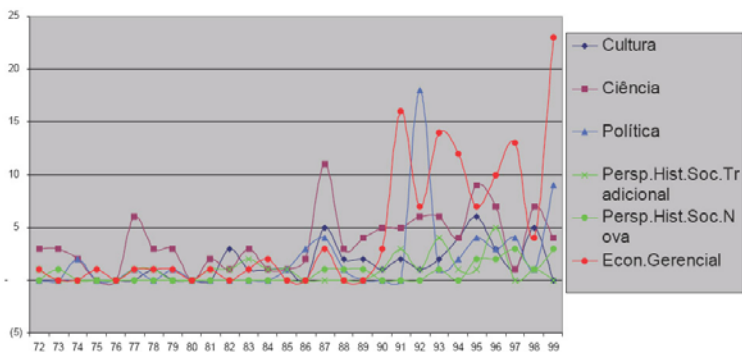


Gráfico 1: Periódico Ciência da Informação - frequência dos recortes discursivos por categoria analítica

No ano de 1992 a revista passou a ser quadrimestral, aumentando assim, em um terço a quantidade geral de textos por ano.¹¹

Note-se que, apesar de essa publicação não pertencer ao Programa de Pós-graduação do convênio IBICT/UFRJ, ela tem, de certa forma, refletido algumas tendências temático-discursivas atuais daquele curso, já analisadas: crescimento das discursividades econômico-gerencial, política e epistemológica (FREITAS, 2001). Porém, quanto à discursividade política, vemos crescer não as reflexões em torno de relações entre a informação e os poderes, de Estado ou de forças sociais. Predominam, como na grande ascensão dos recortes discursivos políticos da publicação em 1992, as abordagens sobre meio ambiente e as ligadas à implementação de políticas.

Quanto à discursividade econômico-gerencial, se em certa medida é antiga como presença na publicação, salta no início dos anos 90, acompanhando de perto a ascensão do neoliberalismo. Notamos também, quanto aos aspectos culturais, se começam a ter maior presença

¹¹ Interrompemos a série histórica em 1999 pois, ao fecharmos nossos dados, do ano 2000 apenas tinha sido editado o primeiro número.

nos anos 80, quase sempre traça movimento oposto aos aspectos econômicos, apenas em um momento crescendo juntas.

A discursividade que marca a perspectiva histórico-sociológica – subdividida no gráfico entre a tradicional e a emergente –, parece apontar para o predomínio das caracterizações emergentes, passando recentemente a assumir a dianteira nos títulos. Seu peso relativo nos textos integrais é muito maior. Esta categoria analítica na análise via títulos envolve um forte grau de falseamento, pois esta discursividade muitas vezes não está ali marcada, mas surge no texto traçando pano de fundo argumentativo.

Passemos a analisar a Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, que a partir de 1996 passa a intitular-se Perspectivas em Ciência da Informação. No gráfico a seguir, podemos constatar uma razoável regularidade na presença da discursividade cultural. Note-se que seu desenvolvimento, assim como no periódico analisado acima, é contrapontado com a abordagem econômico-gerencial, que também aqui, toma fôlego a partir da década de 90.

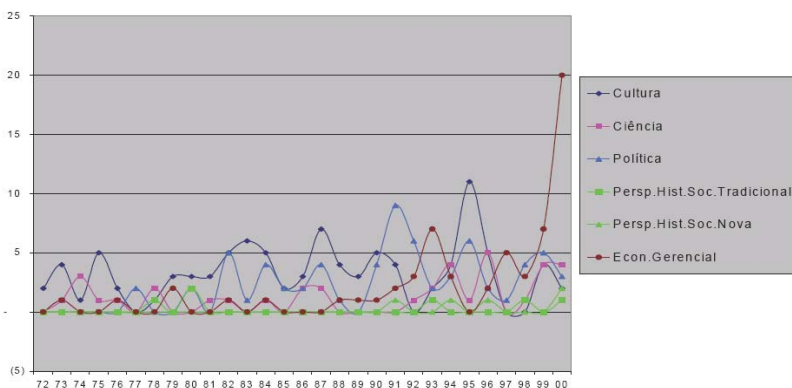


Gráfico 2: Periódicos Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG/ Perspectivas em Ciência da Informação - Frequência dos recortes discursivos agregados por categoria analítica

Há um aumento, ainda que bastante irregular, da discursividade científica. Também chama atenção a grande inversão de ênfases após a transformação do título da revista, que acompanha mais tardiamente a mudança de denominação da Pós-graduação da UFMG, de Mestrado em Biblioteconomia para Mestrado em Ciência da Informação (1991).

Quanto aos recortes discursivos políticos, se o Estado não está indicado nos títulos do periódico mineiro, seu discurso envolve – se comparado com o periódico anterior – aspecto mais social, comunitário e de interesse político de grupos específicos de forma bastante regular, apesar da mudança de enfoque em outros aspectos sob observação nesta pesquisa após introduzir a CI em seu título. Notamos aí também a emergência da nova discursividade histórico-sociológica.

A grande proximidade entre os padrões dos gráficos gerais das duas publicações no final dos anos 90, com exceção de um peso relativo maior na cultura que notamos na *Perspectivas...*, parece demonstrar que a CI brasileira, como o padrão anglo-saxônico, sempre lidou mais com o operacional do que com o sociocultural e que a hegemonização da CI na área de informação no Brasil implica o apagamento relativo dos aspectos temático-discursivos dominantes na Biblioteconomia.

Como estes sentidos surgem na produção discente? Também analisamos recortes discursivos dos títulos das Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado igualmente produzidas nos Cursos do IBICT/UFRJ¹² e da UFMG. Começemos pelo primeiro.

¹² Quanto à produção de Teses e Dissertações do curso do IBICT/UFRJ, analisamos também os resumos até 1992, disponíveis na Base Theoroi. Como a Base de Teses e Dissertações do IBICT não disponibiliza tal dado, não sistematizamos aqui os resultados dessas análises.

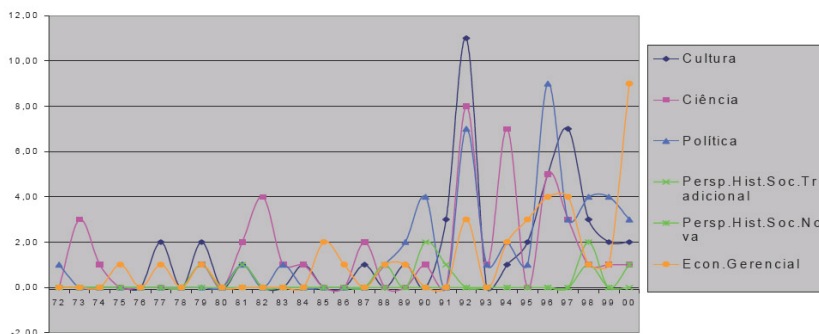


Gráfico 3: Produção Discente do Curso de CI do Convênio IBICT/UFRJ - Teses e Dissertações - frequência dos recortes discursivos por categoria analítica

Chama-nos a atenção o índice de discursividade científica aqui mais presente que nos periódicos, mas ainda de frequência irregular para o tipo de produto acadêmico que é.

Vê-se a presença apenas pontual da cultura até a década de 80, firmando-se mais na década de 90. A discursividade política, que se firmara nos anos 90, em 2000, juntamente com a cultura, a ciência e as perspectivas histórico-sociológicas tradicionais, inverte seu sentido, com a ascensão avassaladora da discursividade econômico-gerencial no ano 2000. Com essa última, apenas as novas perspectivas históricas apontam para o crescimento.

Com relação a esta categoria analítica vale esclarecer alguns pontos. Como ela pouco aparece no nível discursivo que trabalhamos, o título, relatamos sua incidência no outro nível que analisamos até 1992: o resumo. Neste nível discursivo, emerge um pouco mais constantemente a contextualização social que o autor traça para suas análises. Nele encontramos, até 1992, 30 referências ao que chamamos aqui as caracterizações tradicionais, desenvolvimentista e/ou baseadas na teoria da dependência. No mesmo período, esses recortes apareceram 7 vezes no título. Só em 1992 surge em resumo uma referência à sociedade pós-moderna e entre 1998 e 2000, 3 referências à Sociedade da Informação aparecem em títulos.

O cultural, com pequenas emergências pontuais nos anos 70, ganha vigor nas décadas seguintes, acompanhando as transformações curriculares do Programa de Pós-graduação em foco, abordadas em Freitas (2001).

Já na produção discente do Programa de Pós-graduação da UFMG, se podemos constatar a emergência da discursividade científica apenas ao final da década de 80, vemos o forte crescimento do econômico-gerencial sobrepujar a abordagem cultural a partir de meados dos anos 90. Se notamos baixa frequência das caracterizações histórico-sociológicas para os contextos informacionais, vemos no final dos anos 90 o uso, ainda que mínimo, das caracterizações emergentes. Cresce neste período apenas o econômico-gerencial e o científico.

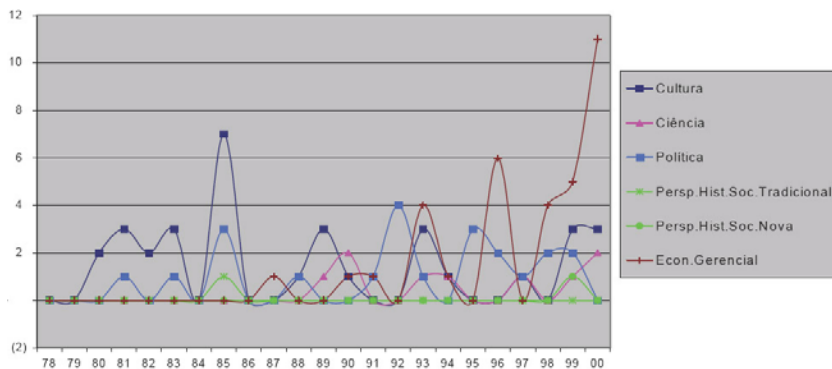


Gráfico 4: Produção Discente do Curso de Pós-Graduação. Em Biblioteconomia/CI da UFMG - Teses e Dissertações - frequência dos recortes discursivos por categoria analítica

A clara ascensão da discursividade econômico-gerencial tanto na produção discente quanto nos textos do periódico da UFMG ocorre após suas designações terem se voltado para a CI. Relação necessária ou nova forma de abordar o entorno sócio-histórico? Assim encontramos a justificativa de dirigente da pós-graduação desta universidade para as mudanças no curso:

[O Curso se modifica, tomando-se em consideração, entre outros fatores] sua inserção em uma dimensão histórica. [...] A sociedade moderna caracteriza-se por modificações profundas - econômicas, sociais, políticas, culturais - decorrentes da emergência da “sociedade pós-industrial”. [Demandando] a necessidade de se identificar o papel real desempenhado pela informação nas ciências e na tecnologia, na indústria, na economia, no governo, na sociedade como um todo, bem como nas relações internacionais. Caminhar nesta direção significa uma busca de inserção na “era da informação” (ENCONTRO..., 1992).

O redirecionamento de temáticas dos cursos tem tido correspondência na discursividade da produção de trabalhos acadêmicos, o que parece demonstrar uma resposta positiva às transformações das ênfases das instituições acadêmicas.

Com relação aos encontros técnico-científicos da área de informação, neste texto abordaremos apenas os dados dos encontros periódicos da ANCIB (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação). Seu núcleo inicial derivou de reuniões dos coordenadores dos cursos de pós-graduação da área de informação do Brasil, que datam do final da década de 70, intitulados Encontro Nacional de Cursos de Pós-Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia. Constituíam reuniões de trabalho, fechadas, predominantemente administrativas, visando à consolidação destes cursos. Müeller et al. (2000) afirma que nesses encontros se formaram grupos de interesse, ultrapassando os limites dos cursos, que foram embriões dos grupos temáticos que passam a constituir a estrutura da ANCIB e as sessões temáticas dos encontros de pesquisa. Valemo-nos dessas subdivisões temáticas, analisadas por Müeller et al. (2000) em sua composição e quantidade de apresentações de trabalhos nos encontros para pautar algumas análises.

GT	1994	1995	1997	2000
1	Administração/ Gestão/Avaliação e estudos de usuário	Informação tecnológica e administração de serviços	Informação tecnológica e administração de serviços	Informação tecnológica
2	Representação do conhecimento/Indexação/ Teoria da classificação	Representação do conhecimento/Indexação/ Teoria da classificação	Representação do conhecimento/Indexação/ Teoria da classificação	Representação do conhecimento/Indexação/ Teoria da classificação
3	Informação tecnológica	Novas tecnologias/ Bases de dados/ fontes de informação (e a Educação à distância)	Novas tecnologias/ Bases de dados/ fontes de informação (e a Educação à distância)	Novas tecnologias/ Bases de dados/ fontes de informação (e a Educação à distância)
4	Informação e Sociedade/Ação Cultural	Informação e Sociedade/Ação Cultural	Informação e Sociedade/Ação Cultural	Informação e Sociedade/Ação Cultural
5	Produção Científica/Literatura Cinza	Produção Científica/Literatura Cinza	Produção Científica/Literatura Cinza	Comunicação Científica
6	Formação Profissional/ Mercado de trabalho	Formação Profissional/ Mercado de trabalho	Formação Profissional/ Mercado de trabalho	Formação Profissional/ Mercado de trabalho
7	Políticas de Pesquisa e dos Cursos de PG			Planejamento de Sistemas/ Inteligência Competitiva
8				Epistemologia da Ciência da Informação

Quadro 1: Grupos temáticos do I ao IV ENANCIB – 1994-2000

Fonte: Müeller et al., 2000, p. 4

Abordando os títulos dos GTs como “declarações delimitativas”¹³ constatamos alguns apagamentos acompanhados de outras tantas emergências discursivas. O fato de sabermos que não necessariamente certas temáticas desapareceram das apresentações nos encontros, apenas reforça a importância da análise das delimitações.

Há o desaparecimento da administração de unidades/sistemas de informação, restando o planejamento de sistemas de informação agregado à nova concepção de inteligência competitiva, emprestando seu cunho empresarial-mercadológico ao planejamento. A educação se torna à distância, nova área de atuação com forte peso tecnológico. Os estudos de usuários perdem visibilidade declaratória. Emergem a inteligência competitiva, saber operacional incentivado pelo MCT, e a Epistemologia da CI, abarcando temática que tem se mostrado foco produtivo de pesquisas.

Analisemos agora as transformações históricas dos GTs com relação ao número de trabalhos apresentados nos ENANCIBs nas sessões temáticas.

Se mesmo em números absolutos (MÜELLER et al., 2000) há um vertiginoso crescimento da temática das novas tecnologias - último lugar no 3. ENANCIB e primeiro no 4. - que, junto com formação profissional, foram os únicos que apresentaram crescimento relativo entre os últimos encontros, à exceção, claro, dos 2 GTs novos, isso fica mais claro se trabalhamos com dados percentuais.

¹³ Em que pese a diversidade de conteúdos e abordagens que efetiva ou potencialmente se abrigam nos Grupos Temáticos aqui apresentados, podemos analisar seus títulos como “declarações delimitativas” de abordagens e rumos reflexivos e/ou operacionais. Ao declarar algo, deixamos de declarar outras coisas. Ao incluir, inelutavelmente, excluímos.

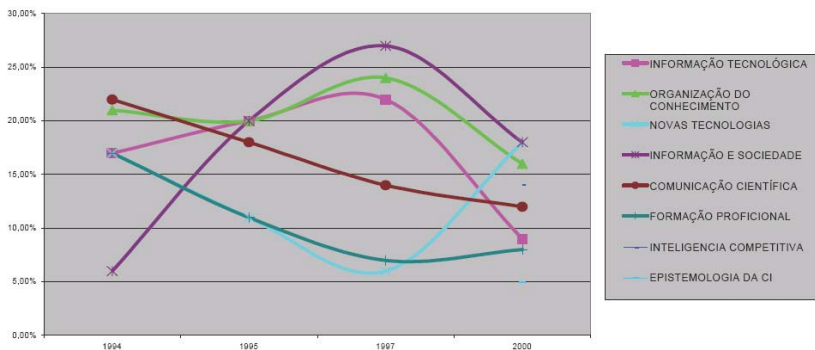


Gráfico 5: Frequência relativa de trabalhos por GT nos ENANCIBs

Pensamos que esse crescimento relaciona-se com o incentivo da própria diretoria da ANCIB que, agregando os dirigentes das pós-graduações da área - principal fonte das pesquisas apresentadas, 56% (MÜELLER et al, 2000) - indicaram a necessidade de crescimento em pesquisas nesses temas (BARRETO, 1997).

Miranda e Barreto (2000) constataam um redirecionamento tendencial das ênfases das pesquisas para áreas voltadas para as necessidades do mercado. Não um mercado de trabalho em instâncias de unidades de informação voltadas para o público, mas um mercado de gestão empresarial. Isso confirma alguns apagamentos que vimos constatando.

Analisemos agora a frequência histórica dos nossos recortes discursivos nos Encontros da ANCIB¹⁴. Se, como fizemos com os dados de Mueller, apresentarmos a proporcionalidade dos recortes discursivos no conjunto de trabalhos apresentados por encontro, vemos:

¹⁴ Nos trabalhos por nós analisados incluímos as palestras realizadas por considerarmos que, além de demonstrarem as prioridades dos organizadores, fazem parte do conjunto textual daquele encontro.

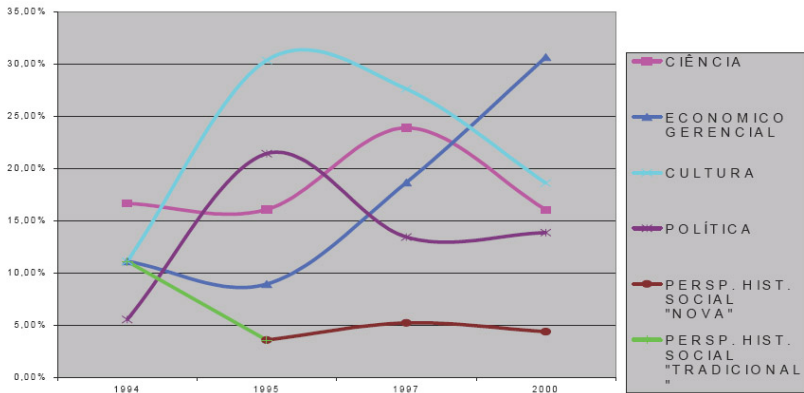


Gráfico 6: Frequência relativa dos recortes discursivos nos títulos dos trabalhos apresentados nos ENANCIBs

Fonte: Dados primários da Anais dos ENANCIBs.

Novamente encontramos o econômico-gerencial como um dos poucos aspectos em crescimento na área. Vê-se que, mesmo com um novo GT e uma problemática científica em ascensão - a epistemologia - a discursividade científica cai. Nos títulos, as perspectivas histórico-sociais tradicionais desaparecem em 1995, substituídas pela dos Novos Tempos, que proporcionalmente também não cresceu entre os últimos Encontros.

Como vimos constatando na CI no Brasil, há um processo de privatização dos sentidos em suas pautas temáticas e formas de abordagem, comumente acompanhado por hipóteses sobre a contemporaneidade que respaldam tais redirecionamentos, a discursividade dos Novos Tempos. A novidade da emergência das reflexões voltadas para o caráter científico da CI, tanto em seus aspectos de verdadeira Ciência Social quanto em seus aspectos epistemológicos, que vem se firmando principalmente junto ao curso do IBICT/UFRJ, parece se desenvolver e funcionar no seio das contradições da área, com fortes indícios de ameaças, num futuro breve, à sua continuidade, mantidas as condições políticas atuais. Da mesma forma, ao lado de um aparentemente ainda grande interesse dos profissionais da informação pelas relações entre informa-

ção e sociedade, vemos tendências ao estreitamento dos seus espaços institucionais de execução.¹⁵

4 TRAJETOS TEMÁTICO-DISCURSIVOS INTERNACIONAIS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Podemos dizer que os discursos da área de informação no mundo percorreram os mesmos caminhos e vêm apontando para as mesmas direções? Buscamos indícios da discursividade internacional da área recorrendo à Base LISA, que desde a década de 60 vem indexando a literatura internacional em CI e Biblioteconomia.¹⁶

Trabalhamos basicamente com os mesmos recortes discursivos, cotejados com a linguagem de indexação utilizada pela fonte. Como nesta Base era tecnicamente viável o trabalho com outros campos que não apenas o do título, buscamos trabalhar também no nível dos assuntos indexados ou na forma de busca que a Base intitula de *free text*, ou seja, busca em qualquer campo, incluindo os resumos dos artigos e/ou dos (poucos) livros tratados pela Base.

¹⁵ Apesar de iniciativas como o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Informação e Sociedade (NEPIS) da UFMG.

¹⁶ Todos os dados do LISA foram tratados como percentuais dos totais das referências anuais, não pelo interesse de buscar seus pesos relativos, mas, fundamentalmente, como forma de tornar os dados comparáveis entre anos com fortes disparidades do número de fontes cobertas.

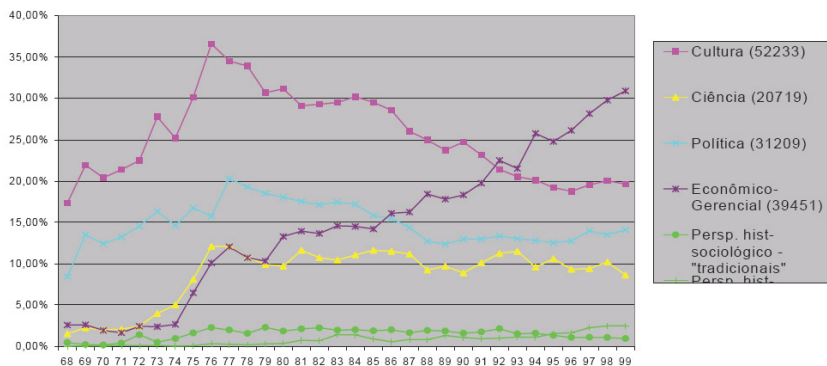


Gráfico 7: Literatura internacional - Frequência dos recortes discursivos por categoria

Vemos um relativo boom do político, do cultural e do científico em meados da década de 70, quando grande parte do mundo experimentava traumas políticos e transformações importantes, o que parece refletir-se no aumento da produção não técnica da área. Tais abordagens sofrem um processo de estagnação a partir dos anos 90.

Ainda assim, nota-se que a área pouco trata das questões mais políticas de seu objeto, como alertado por Frohmann (1995). Apesar da baixa ocorrência proporcional da discursividade política, ela se apresenta mais constante na literatura internacional do que nos periódicos brasileiros analisados.

A discursividade econômico-gerencial, que na década de 80 alcançava níveis de frequência comparáveis com a discursividade política área de informação da década de 70 e muitíssimo inferior aos discursos culturais das duas décadas, nos anos 90 apresenta um crescimento que os ultrapassa de longe. A discursividade mais típica da Biblioteconomia é sobrepujada pela da ótica da CI, porém com sentidos mais “privativados”, como vemos no Gráfico 8, onde os recortes discursivos da categoria econômico-gerencial aparecem individualizados.

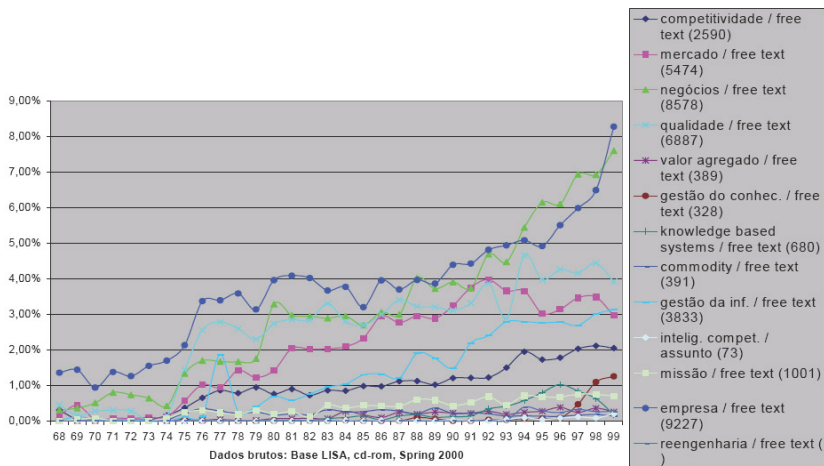


Gráfico 8: Literatura internacional - Recorte discursivo - Econômico - Gerencial

Vemos ainda no gráfico acima, a emergência de termos e expressões que mais recentemente vêm povoando também os discursos no Brasil. Note-se que mesmo recortes envolvidos com representações econômicas nada recentes, como negócios, mercado, empresa etc. aumentam em muito sua utilização, demonstrando um claro redirecionamento de temáticas e/ou abordagens, já que seu crescimento não se liga a alguma novidade terminológica.

Para detectarmos afinal os sentidos dominantes nas perspectivas histórico-sociológicas agregamos os sentidos mais “tradicionais”, como da discursividade do progresso, do desenvolvimento etc. com as caracterizações emergentes de sociedade ou economia da informação, do conhecimento etc. Analisando mais detidamente as transformações da forma de abordagem histórico-sociológica, notamos que os discursos que procuram dar contornos históricos e/ou sociológicos às práticas de informação não são freqüentes na área, vide os baixos índices obtidos para o conjunto de caracterizações selecionadas, ainda se somadas anualmente. Nota-se a predominância inicial, e que se mantém até início dos anos 90, da discursividade do desenvolvimento. A partir daí, novas caracterizações passam a figurar com mais freqüência nos textos. Entre outros exemplos, vemos o efeito-propaganda de algumas formas de abordagens pós-eventos, como terceiro mundo (1975, Encontro das Ligas das

Bibliotecas Européias), pós-moderno (encontro do LIBER), Sociedade da Informação (1984, Reunião da ASIS) etc.¹⁷

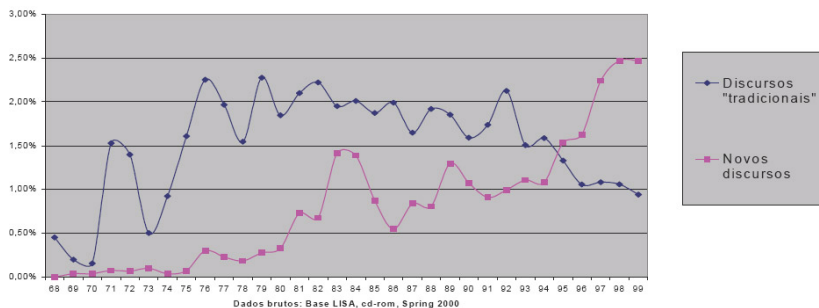


Gráfico 9: Literatura Internacional - Recorte discursivo - Perspectiva histórico-sociológica - Discursos “Tradicionais” x Novos discursos

Se vemos a discursividade “tradicional” dominando amplamente até início dos anos 80, a partir de meados dos anos 80 começam a ganhar força as novas discursividades, que passam a dominar nos textos

¹⁷ Chamamos a atenção para importante fato discursivo que detectamos neste estudo e que chamamos de efeito-propaganda. Ao verificarmos a eclosão repentina e não continuada do uso de algum recorte em um único ano, o que não foi comum encontrarmos para a maioria dos recortes em grandes massas textuais como o LISA, fomos buscar nas próprias referências o seu significado. Notamos que todas as eclosões repentinas constituíam, na verdade, temas centrais de encontros internacionais, que nas referências bibliográficas terminavam representados, aparecendo na busca free text. Porém não constituíam os reais conteúdos dos materiais referenciados, nem no título, nem no assunto e tampouco no resumo. Estas temáticas centrais envolvendo novas terminologias não levavam, de imediato, a uma maior utilização nem do termo e nem da temática tratada. Mas, a partir dali, o termo passa a ser gradativamente utilizado, com seu corolário discursivo.

internacionais da área de informação em meados dos anos 90. Notamos que essa reviravolta dos sentidos histórico-sociológicos é concomitante à grande consolidação da discursividade econômico-gerencial em torno dos negócios e das empresas.

Aglutinamos, então, todos os recortes discursivos ligados às formações discursivas que, ainda que diversas entre si, têm a perspectiva do público ou de uma coletividade em suas abordagens. Ou seja, somamos todos os recortes que categorizamos como culturais, assim como os políticos e os ligados à discursividade do desenvolvimento, que claramente envolve de alguma maneira o coletivo. Também somamos todos os recortes que se ligam ao que provisoriamente aqui chamaremos de empreendedorismo privado, pertencentes todos à categoria econômico-gerencial.

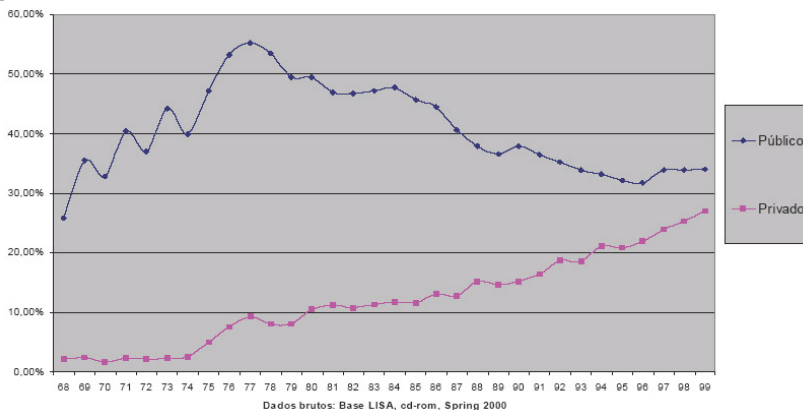


Gráfico 10: Literatura internacional - Recorte discursivo - Público x Privado 0,00%

Mantidas as atuais tendências, assistiremos a uma inversão da discursividade dominante na área de informação no nível internacional nos próximos anos. Se internacionalmente esta inversão se gesta ao longo dos anos 80, no Brasil ela parece se dar de forma mais abrupta nos anos 90. E, se vemos uma estagnação dos sentidos culturais e políticos na literatura coberta pelo LISA, tememos que no Brasil estes sentidos sejam praticamente banidos da discursividade da área.

5 CONCLUSÃO

Consideramos relevante tecer algumas considerações teórico-metodológicas sobre os resultados aqui apresentados. Notamos, especialmente no trabalho com grandes massas de textos – a base LISA – a predominante regularidade dos números obtidos, mais pronunciada do que as descontinuidades (estas, quase sempre, com motivações identificáveis). Isso demonstra que chegamos a algo além do que Courtine chama de uma demografia discursiva no máximo indicativa. (1982). Nesses resultados divisamos a história, mas também divisamos indicações da incontestável historicidade dos textos - seu caráter de monumento - nos quais os recortes isolados confirmam seu efeito de operadores de memória.

Nas séries históricas pudemos vislumbrar os autores sendo “convocados historicamente” dentre os sujeitos para “dizer” *aquele* dizível *naquela* quantidade de vezes.

Como vimos na análise da literatura internacional, para a qual tivemos a possibilidade técnica de recuperar maiores extensões textuais do que na literatura brasileira analisada - surgindo mais claramente a discursividade sobre o contemporâneo -, a ascensão da discursividade econômico-gerencial na área de informação se faz acompanhar da ascensão da discursividade histórico-sociológica emergente, que a justifica e fundamenta.

Neste levantamento, como em nosso esboço arqueológico da área de informação (FREITAS, 2003), encontramos mais rupturas e diversidade nos sentidos de seus discursos do que poderia ser descrito como uma evolução, tão afirmada em sua historiografia. Os apagamentos de sentidos, que aparecem na forma de perda de vigência de palavras ou de redirecionamento de sentidos das mesmas palavras, ocorrem junto com a emergência de outros sentidos, construindo a teia que analisamos. Nesse processo não há um continuum e sim rupturas discursivas (sempre ideológicas) que, se não representam ou espelham, refratem¹⁸ as lutas sociais.

O que e quem está ficando fora do discurso da área de informação? O acontecimento do novo desse discurso apaga que velho? Apaga ou silencia? Seus sentidos na história também são apagados ou só seus sentidos no

discurso? Estão globalizadas as posições sócio-históricas e ideológicas dos enunciadorees? Se não, onde explodirão esses outros sentidos?

O discurso da Ciência da Informação, após um relativamente breve acolhimento de questões ligadas ao sócio-cultural, parece voltar-se para sua antiga abordagem operacional, porém privatizando mais seus objetos e objetivos de trabalho. Se antes suas legitimações se pautavam no progresso e/ou desenvolvimento - perspectiva do público -, hoje se voltam para a perspectiva explicitamente privada da empresa e dos negócios, apagando-se o cultural, o político e, muitas vezes, o científico. Tal redirecionamento acompanha a ascensão das caracterizações histórico-sociológicas emergentes nos textos da área – Era ou Sociedade da Informação –, que o justificam e fundamentam, aproximando perigosamente o discurso acadêmico da Ciência da Informação dos funcionamentos discursivos neoconservadores dominantes.

Abstract

The paper reports part of the end results of the Thesis research in which, in search of the dominant discourse of Information Science about the state of information in contemporary times, the frequency of discursive excerpts in a significant number of national academic production titles in the area was charted, besides an identical survey in the LISA Bibliographic Data Base for international production. The selected discursive excerpts are significative enough indications of discursive configurations in the area in various historical moments, as well as of the thematic paths of favored aspects in the survey: the which mixes culture, economics, politics and science with the historic-sociological perspective. The research verifies that the discourse of Information Science, after a relatively short reception of issues related to the sociocultural, seems to return to its former operational approach, nevertheless “privatizing” its work objects and

¹⁸ Parafraseando Orlandi.

objectives more and bringing its academic discourse dangerously closer to the dominant neoconservative discursive workings.

Keywords

**INFORMATION SCIENCE
THEMATICAL DIRECTIONS
INFORMATION SCIENCE
DISCOURSE
INFORMATION SCIENCE
EPISTEMOLOGY**

Artigo aprovado em 26.06.04

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 19, p.25-42, jul.-dez. 1990.

COURTINE, Jean-Jacques. Définition d'orientations et construction de procédures en analyse du discours. *Philosophiques*, v. 9, n. 2, p. 239 - 264, 1982.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

FREIRE, Paulo. Alfabetização de adultos e bibliotecas populares: uma introdução. In: _____. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Autores Associados / Cortez, 1989. p. 22-35.

FREITAS, Lídia Silva de. Sentidos da história e história dos sentidos da Ciência da Informação: um esboço arqueológico. *Morpheus: Revista de Ciências Humanas*, Rio de Janeiro, n.2, 2003. Disponível em: <<http://www.unirio.br/cead/morpheus/Numero02-2003/lidiafreitas.htm>>.

_____. A memória polêmica da noção de Sociedade da Informação e sua relação com a área de informação. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 12, n. 2, jul. 2002. Disponível em: <<http://www.informacaoesociedade.ufpb.br/>>.

_____. *Na teia dos sentidos*: análise do discurso da Ciência da Informação sobre a atual condição da informação. Tese de Doutorado em Ciência da Informação. ECA-USP, jun. 2001. Orientadoras: Maria Helena Pires Martins (USP) e Tânia C. Clemente de Souza (UFF).

FROHMANN, Bernd. Taking information policy beyond information science applying the actor network theory. ANNUAL CONFERENCE OF CANADIAN ASSOCIATION FOR INFORMATION SCIENCE, 23. Edmonton, Alberta, jun. 1995. (print).

GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D. Efeitos do Arquivo: a análise

do discurso do lado da história. In: ORLANDI, E.P. (org.) *Gestos de Leitura: da história no discurso*. Campinas: UNICAMP, 1994(b). p. 163-183. (Repertórios).

LIBRARY AND INFORMATION SCIENCE ABSTRACTS (LISA PLUS). United Kington: Bowper Saur, Spring 2000. Compact Disk, Digital Data NLM0003-4. ISSN: 0966-8799.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Pontes, 1993.

MIRANDA, Antônio; BARRETO, Aldo de A. Pesquisa em Ciência da Informação no Brasil: síntese e perspectiva. *DataGramaZero* - Revista de Ciência da Informação, v. 1, n. 6, artigo 04. Disponível em: <http://www.dgz.org.br>

MUELLER, S.; MIRANDA, A.; SUAIDEN, E. *O estado da arte da pesquisa em Ciência da Informação no Brasil*: análise dos trabalhos apresentados no IV Enancib, Brasília, 2000. Doc. eletrônico.

NUNES, José Horta. Janelas da cidade: outdoors e efeitos de sentido. Campinas: Escritos, n. 2, p. 13-25, 1997.

ORLANDI, Eni P. (Anotações de aula durante o Mini-Curso O discurso e o estatuto teórico da interpretação, ministrado por Orlandi, em setembro de 1998, IACS-UFF), 1998(c).

_____. *Discurso e Argumentação*: um observatório do político. Revista de Letras de Florianópolis, Florianópolis. 1998(b). (no prelo). (mimeo).

_____. *Interpretação*: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996. 150 p.

PÊCHEUX, Michel. A análise de discurso: três épocas. In: GADET, F., HAK, T. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: UNICAMP, 1990b. p. 311-318. (Repertórios).

_____. *Semântica e Discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: UNICAMP, 1995.

PERROTTI, Edmir. *Confinamento Cultural, Infância e Leitura*. São Paulo: Summus, 1990.

SILVA, Benedicto. (org.) *Da documentação à informática*: Seminário de 24 a 27 de novembro de 1971. Rio de Janeiro: FGV, 1974.

**PÁGINA EM
BRANCO**